



Vila Real de Santo António e a cidade espanhola de Ayamonte. As duas localidades fronteiriças vão juntar-se para criar um projeto comum

Vila Real de Santo António e Ayamonte juntam-se para formar eurocidade ibérica

Negociações com os dois municípios começaram este mês e o acordo deverá ser assinado no início de 2013. Projeto surgiu de um desafio lançado pela CCDR-Algarve, no âmbito da euro região Algarve/Alentejo/Andaluzia. População poderá partilhar, em igualdade de condições, os recursos existentes nos dois municípios em termos de saúde, cultura, desporto, educação, entre outras áreas

> DOMINGOS VIEGAS

Vila Real de Santo António e Ayamonte estão a preparar um acordo para unir as duas cidades fronteiriças numa eurocidade ibérica. O desafio foi lançado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) do Algarve, que preside a euroregião Algarve/Alentejo/Andaluzia, e irá permitir a ambas as populações partilhar equipamentos, infraestruturas e serviços. O acordo visa, ainda, a criação de projetos conjuntos em diversas áreas.

"Temos capacidade para aumentar a atratividade deste concelho e vamos criar um ambiente administrativo atípico, que vai exceder os limites do território nacional", explicou ao Jornal do Algarve o presidente da câmara municipal de Vila Real de Santo António, Luís Gomes.

Os presidentes dos dois municípios, o social-democrata Luís Gomes e o socialista António Rodríguez Castillo, bem como o presidente da CCDR-Algarve, David Santos, já tiveram uma primeira reunião, que juntou, ainda, técnicos das três entidades e da qual resultou a criação do grupo de trabalho que irá elaborar os detalhes do acordo. A próxima reunião está agendada para o início de dezembro.

"Ainda estamos a iniciar o processo, mas tencionamos

assinar o acordo na primeira quinzena de janeiro. Até lá vamos trabalhar no sentido de definir todos os detalhes", explicou Luís Gomes. "Temos capacidade para aumentar a atratividade destes municípios e vamos criar um ambiente administrativo atípico, que vai exceder os limites do território nacional", garantiu o autarca vila-realense.

"Será uma espécie de guia de desenvolvimento conjunto de ambas as cidades, que nos permitirá aceder a mecanismos e ferramentas orçamentais da União Europeia criadas para este tipo de entidades transfronteiriças", acrescenta Rodríguez Castillo.

Mas o objetivo vai muito mais além do acesso a fundos comunitários. De acordo com os dois autarcas, a principal meta é proporcionar aos cidadãos dos dois concelhos a possibilidade de partilha, em igualdade de condições, dos recursos existentes nos dois municípios.

Novo modelo de cooperação

Trata-se de um conceito que não é novo. A primeira eurocidade ibérica foi criada em 2006 e uniu as cidades fronteiriças de Chaves e de Verin. Seguiu-se, já este ano, e também no norte do país, a constituição da eurocidade Valença/Tui. Outro dos exemplos é a eurocidade Bayonne/

San Sebastian, na fronteira entre Espanha e França.

Trata-se de um novo modelo de cooperação, através do qual passam a ser disponibilizados à população que constitui a eurocidade serviços que antes se restringiam apenas aos residentes de cada um dos municípios. Ou seja, trata-se da implementação de serviços comuns, para dar uma resposta conjunta a necessidades comuns.

No caso da eurocidade Chaves/Verin, que já tem seis anos, a colaboração não se restringe apenas a iniciativas dos dois municípios e já incluiu, inclusivamente, colaborações entre agentes locais, bem como entre entidades nacionais e regionais.

Partilha de equipamentos e de serviços

"As eurocidades emanam de uma escala europeia e das euroregiões. Ou seja, trata-se de um acordo entre duas cidades, mas que surge na sequência de acordos que já estão estabelecidos entre os dois Estados", recorda Luís Gomes, frisando que, desta forma, basta que os municípios envolvidos cheguem a acordo para que o projeto avance.

Numa altura em que a situação económica dos países e dos municípios não permite grandes investimentos, este projeto surge com o objetivo de aumentar a qualidade de vida

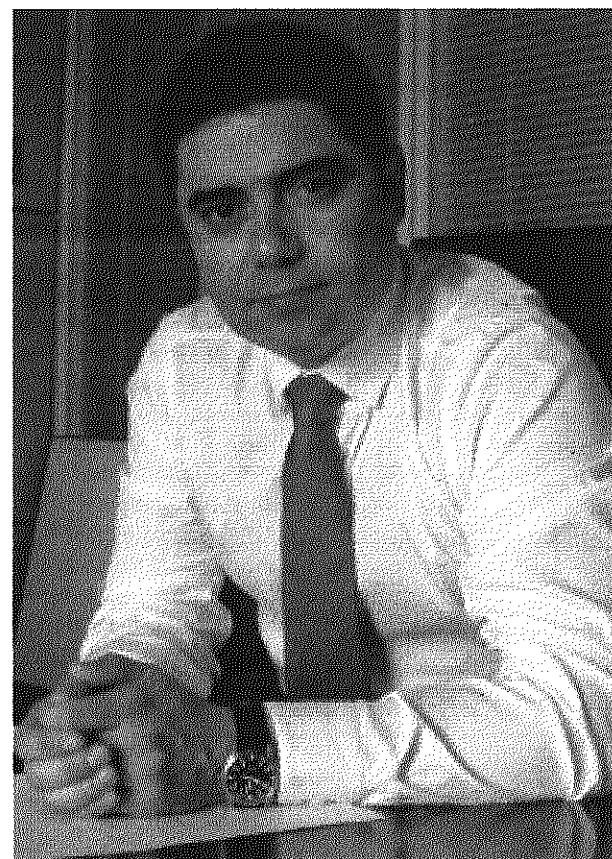
das populações, através da partilha daquilo que de melhor existe em cada um deles.

"Por exemplo, se a rede de saúde for melhor em Ayamonte, os nossos munícipes poderão utilizar a de Ayamonte. Se, por ventura, a rede de equipamentos desportivos for melhor em Vila Real de Santo António, eles podem vir para cá", explica Luís Gomes, acrescentando que, além da saúde e do desporto, o acordo vai estender-se à cultura, à educação, ao turismo, entre outras áreas.

Segundo o autarca, trata-se de criar uma rede de complementaridade entre duas cidades que pertencem a dois países diferentes, evitando gastar mais dinheiro em determinadas infraestruturas ou equipamentos. "Não precisamos de fazer aqui aquilo que eles tiverem de bom, porque vamos passar a poder usufruir disso. E eles também não precisarão de gastar dinheiro em fazer aquilo que já existe em Vila Real de Santo António", acrescenta o edil, frisando que se trata de "criar de laços de intercâmbio mais profundos e a um nível que chega diretamente às populações".

Estratégia turística conjunta

O turismo já foi apontado pelos dois municípios como uma das prioridades. Neste âmbito, uma das ações previs-



Vamos criar um ambiente administrativo atípico, que vai exceder os limites do território nacional, diz o edil vila-realense Luís Gomes

tas tem a ver com o arranque da promoção turística conjunta, ou seja, a promoção da foz do Guadiana.

"Uma das áreas que definimos como estratégica e prioritária é o turismo. Apesar de pertencer a dois países distintos, é uma zona que tem as mesmas características. Entre outras ações, pretendemos criar uma estratégia turística conjunta no sentido de oferecer a foz do Guadiana como zona turística de excelência", revelou Luís Gomes.

O objetivo é, também, alargar esta complementaridade ao âmbito do binómio turismo/desporto. "Por exemplo, pode-

mos captar equipas para estagiar e se, por acaso, não existir capacidade no nosso complexo desportivo, estas podem ir para Ayamonte mas ficar nos nossos hotéis. Tal como também pode acontecer ao contrário", explica o autarca.

Luís Gomes defende que os países "não têm que estar virados de costas uns para os outros como acontecia há 40 anos" e que é preciso "criar regiões homogéneas e trabalhar em conjunto nesses territórios, com estratégias e com sinergias". Tudo com o objetivo de "melhorar as condições de vida das populações", sublinha o edil vila-realense.